

FILHO, Manuel Alves. Campanha vai vender imagem 'soft' do Mercado. Correio Popular, Campinas, 07 jul. 1991.

MANUEL ALVES FILHO

A Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Campinas (ACMMC) está preparando uma campanha para "melhorar a imagem" do Mercado. O objetivo, revela o presidente da entidade, Celso Aparecido Tasso, é reconquistar uma parcela da freguesia — cerca de 20% —, que deixou de fazer compras no local alegando problemas de segurança.

A primeira medida para mudar a imagem do Mercado, diz Tasso, será transformar o prédio em posto de arrecadação da Campanha do Agasalho, que vem sendo desenvolvida pela Secretaria Municipal de Promoção Social. De acordo com o presidente da ACMMC, a entidade pretende abrir a campanha com a apresentação de um grande show sertanejo e a distribuição de diversos prêmios. "Vamos mostrar à população que o Mercado Municipal é uma enorme casa de família", fala.

Tasso afirma, porém, que a data do evento não foi definida porque a Secretaria da Promoção Social ainda não decidiu se aceita a proposta da ACMMC, que quer que o Mercado apareça nas inserções de rádio e TV programadas para a campanha. "Mas pelos entendimentos que mantivemos até agora, tudo indica que o projeto sairá", diz o comerciante.

A idéia de lançar uma campanha para recuperar a imagem do Mercado surgiu, conforme a vice-presidente da ACMMC, Sanae Murayama Saito, depois que a maioria dos fregueses da classe "A" resolveu deixar de fazer compras no estabelecimento. "Muitas pessoas alegaram que o Mercado estava muito inseguro e que o risco de seqüestro era iminente", afirma.

Sanae diz ainda que apenas alguns fregueses da classe mais abastada continuam comprando de comerciantes do Mercado, mas agora utilizam o telefone. Para ela isso é ruim, "pois sem todos os 104 permissionários instalados no local podem oferecer serviços de entrega a domicílio". A campanha idealizada pela ACMMC serviria, na opinião de Sanae, para

reverter essa debandada. "Além disso, queremos evitar que o medo acabe atingindo as pessoas mais simples também".

Os diretores da entidade que representa os comerciantes do Mercado reconhecem, porém, que há casos de violência nas imediações do prédio. Mas eles creditam esse problema à própria situação da cidade. "Os crimes acontecem em todos os lugares. O Mercado só é um reflexo do que ocorre em Campinas", justifica o secretário da ACMMC, Odair de Moraes, que acrescenta: "Nós só estamos pagando o pato por uma imagem negativa que foi cultivada através dos anos".

De acordo com ele, a associação contratou, há 15 dias, três seguranças que ficam circulando pelo Mercado durante o horário comercial. Além disso, a Polícia Militar vem fazendo rondas regulares nas imediações, o que tem evitado, afirma Moraes, "dores de cabeça para os frequentadores".

O secretário da ACMMC diz, todavia, que outro fator vem contribuindo para afugentar a freguesia. Segundo ele, os consumidores têm reclamado do preço cobrado pelo estacionamento. Enquanto no sistema Zona Azul a parada de uma hora custa Cr\$ 200,00, no pátio do Mercado esse preço é de Cr\$ 350,00. "É muito caro", ava-

lia Moraes, acrescentando que a associação já pediu para que a Serviços Técnicos Gerais (Setec), autarquia que administra o Mercado Municipal, reduza os preços.

Os representantes dos comerciantes entendem ainda que a restauração do prédio onde funciona o Mercado também serviria para melhorar a imagem daquele estabelecimento. Eles reclamam que apesar da Setec ter anunciado um projeto nesse sentido, em junho do ano passado, pouca coisa foi feita até o momento. Apenas as instalações elétricas e hidráulicas foram substituídas, ainda assim porque os concessionários arcam com as despesas de material.

Segundo o presidente da ACMMC, os associados estão dispostos a continuar colaborando com o projeto. Tasso afirma que os pontos mais críticos são o banheiro público externo, quase todo deteriorado, e as telhas do alpendre, que apresentam rachaduras. "Temos que reformar tudo isso rapidamente ou continuaremos a perder fregueses", pondera.

Mas para que isso aconteça, tanto a Setec quanto a ACMMC depende do sinal verde do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico do Estado (Condephaat), que tombou o prédio do Mercado em 1983.



Porta de entrada do Mercadoão vista de loja vizinha: campanha em busca do prestígio perdido